

**TRAMAS E PERSPECTIVAS DOS
ESTUDOS VISUAIS NA GEOGRAFIA
CULTURAL: PAISAGENS,
SENSIBILIDADES E OLHARES**

*STORYLINES AND PERSPECTIVES OF
VISUAL STUDIES IN CULTURAL
GEOGRAPHY: LANDSCAPES,
SENSIBILITIES AND PERCEPTIONS*

*TRAMES ET PERSPECTIVES DE L'ÉTUDES
VISUELLES EN GÉOGRAPHIE
CULTURELLE: PAYSAGES, SENSIBILITÉ
ET REGARDES*

JÉSSICA SOARES DE FREITAS

Universidade Federal de Goiás (UFG) –
Goiânia/GO.

E-mail: jessicasoaresfreitas@gmail.com

**CARLOS ROBERTO BERNARDES DE SOUZA
JÚNIOR**

Universidade Federal de Goiás (UFG) –
Goiânia/GO.

E-mail: carlosroberto2094@gmail.com

Resumo: No mundo contemporâneo, onde as imagens possuem distintos significados e percepções, seus estudos pela via da Geografia Cultural ficam cada vez mais necessários. Compreender as sensibilidades inerentes às diferentes espacialidades do sujeito se faz central para analisar as paisagens e imagens que estão presentes em diferentes perspectivas. Dessa forma, o presente artigo permite analisar como a virada visual, ocorrida na década de 1990, impacta a ciência geográfica e, principalmente a Geografia Cultural. Tendo como norte a categoria paisagem, analisar-se-á a importância das visualidades em conjunção com a Geografia. Por meio da intersecção entre as variadas nuances e possibilidades para as vivências na paisagem, consideram-se as potencialidades teórico-conceituais presentes na aproximação entre Estudos Visuais e Geografia.

Palavras-chave: virada visual, geografia cultural, vivências espaciais, paisagem, imagens.

Abstract: In the contemporary world, where images have distinct meanings and perceptions, their studies through Cultural Geography are increasingly necessary. Understanding the sensitivities inherent to the different spatialities of the subject is central to explore the landscapes and images that are present in different perspectives. Thus, this article allows exploring how the visual turn, which occurred in the 1990s, impacts geographic science and, especially cultural geography. It analyses the importance of visuality in Geography with the concept of landscape as a north. Through the intersection between the varied nuances and possibilities for the experiences in the landscape, the theoretical-conceptual potentialities present in the approximation between Visual Studies and Geography are considered.

Keywords: visual turn, cultural geography, spatial experiences, landscape, images.

Resumè : Dans le monde contemporain où les images ont des significats et perceptions distinctes, ces études pour le Géographie Culturelle sont plus nécessaires. Comprendre les sensibilités inhérentes aux différentes spatialités de chaque sujet est centrale pour l'analyse des paysages et images coprésents à chaque différente perspective. De cette façon, cet article permettre analyser comme la tourne visuelle de l'années 1990 ont impacté la science géographique, particulièrement le Géographie Culturelle. L'importance de la visualité à la Géographie est interprétée avec le nord du concept de paysage. A la intersectionnalité des variables nuances et possibilités des paysages vivants, on considère les potentialités théoriques et conceptuelles qui peut émerger dans l'approximation entre Études Visuelles et Géographie.

Mots-clés: tourne visuelle, géographie culturelle, expériences spatiales, paysage, images.

Apontamentos iniciais

Em um mundo inundado por imagens, entender a cultura visual, e, por consequência, suas teorias, fica cada vez mais urgente em todos os âmbitos das ciências humanas. Nesse sentido, é preciso, na Geografia, na condição de área do conhecimento que estuda e

entende o espaço se pensar nas visualidades nele inerentes. Ainda que muito tenha sido refletido sobre a imagética cartográfica, persiste um amplo espaço para debates de outras visualidades.

Considerando que a cultura visual é um campo de pesquisa cujos fundamentos se baseiam nas temporalidades recentes (MITCHELL, 2006), é necessário pensar em uma Geografia que abarque tais princípios. Ela deve comportar os ângulos da contemporaneidade, em especial das diferenças. Diferentes representações e imaginários podem ofertar importantes maneiras de rever conceitos e categorias dos estudos geográficos.

Além disso, é importante compreender que é a Geografia, como um todo, que têm como papel compreender como as visibilidades compõe o espaço (GOMES, 2013). Em meio às essas problemáticas, a Geografia Cultural tem, desde a década de 1970, contribuído para essas discussões de forma a rever os conceitos de ‘natureza’ e ‘cultura’ de modo a debater as paisagens e as novas formas de espacialidades (ALMEIDA, 2013) inerentes, também, ao debate da Cultura Visual.

Nesse âmbito, a categoria da paisagem se revela como fundamental para colaboração em ambas partes. A considerar que paisagem não é totalizante, mas composta por diferentes temporalidades, espacialidades e objetos (SERPA, 2013), o olhar é primordial para sua constituição enquanto mosaico. É pela perspectiva dessa categoria que também pode-se pensar em sobreposições, temporalidades e sensibilidades expressas visualmente a entender que o olhar não é apenas o *ver*, mas é, principalmente, o *sentir*.

Cultura visual, se torna fundamental para se desvelar o conceito de paisagem no âmbito da Geografia Cultural. Dessa forma,

objetiva-se problematizar a virada pictórica na Geografia e sua colaboração para estudos visuais nessa ciência. Também propõe-se decifrar as possibilidades dessa virada para interpretações futuras. Considera-se particularmente a expressividade de sua introjeção entre os geógrafos anglo-saxões envolvidos no *(re)torno criativo da geografia* (TOLIA-KELLY, 2012; HAWKINS, 2015; ESHUN; MADGE, 2016).

Esse ensaio se configura em duas partes, sendo a primeira intitulada *Geografias da visualidade ou visualidades geográficas?*, em que debater-se-á acerca das visualidades na Geografia e como a temática é abordada entre os geógrafos, em destaque os culturais; e a segunda *Tramas entre visualidades e Paisagens nas geografias criativas* onde haverá a discussão de como os estudos de cultura visual influenciam a Geografia Cultural e podem colaborar para a construção da paisagem na condição de categoria analítica.

Geografias da visualidade ou visualidades geográficas?

A geografia, desde sua concepção e formulação como ciência moderna é produtora de imagens (GOMES, 2010; 2013). As representações cartográficas ocuparam um papel central no desenvolvimento da disciplina. Entre as geografias colonialistas, de velas ‘desfraldadas’ (DARDEL, 2011), eram fundamentais os esboços, desenhos, croquis e mapas. Ainda que muitas vezes com fins ilustrativos, eles formaram uma importante base pela qual a geografia científica de base Europeia se desenvolveu.

Como pondera Cosgrove (2008, p.15), “Geography (*geographia*) has always entailed making and interpreting images”¹. Na

¹ “A Geografia (*geo-graphia*) sempre esteve entrelaçada à criação e interpretação imagens.” (COSGROVE, 2008, p. 15, tradução livre).

condição de disciplina tradicionalmente envolvida com mapas e representações do mundo por meio da cartografia, tem, na imagem uma importante ferramenta. Contudo, no que concerne à sua capacidade de interpretação de imagens, Hawkins problematiza que:

While geographers have long been image-makers, it is perhaps fair to say we have yet to see a comprehensive practice of image-making being brought to geography as a conceptual form. While the discipline clearly has an evolving valorization of the visual, as yet geographers are perhaps less conceptually skilled with images than they are with words (HAWKINS, 2015, p. 252).²

Mais que desenvolver práticas que concernam à produção das imagens, ainda é fundamental desenvolver conceitos que possam colaborar na própria interpretação e criação de visualidades geográficas. Se as “imagens podem funcionar como teorias sobre o mundo” (ELKINS, 2011, p.29), sua construção como formas explicativas ou analíticas em contexto científico corrobora para um maior aprofundamento no entendimento das cotidianidades do sujeito principalmente em tempos de *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*.

No entanto, as imagens não se dão apenas em contexto visual, a audição, olfato, tato e mesmo o paladar também fazem parte da cultura visual. Ao entender o apelo que se tem uma foto de café da manhã posta no *Instagram*, por exemplo, identifica-se que as visualidades estão para além da visão, elas aludem a outros sentidos que são acionados imaginativamente. Destarte, um dos fatores

² “Enquanto geógrafos sempre foram criadores de imagens, é provavelmente justo dizer que nós ainda temos que ver uma prática compreensiva de criação de imagens ser conceptualizada na geografia. Enquanto a disciplina nitidamente tem uma crescente valorização do visual, geógrafos ainda são, provavelmente, menos conceitualmente hábeis com imagens do que com palavras.” (HAWKINS, 2015, p. 252, tradução livre).

importantes que os sujeitos revelam é o uso da imaginação e memória.

Em artigo seminal, Wright (1947, p. 7) evocou que: “the imagination not only projects itself into *terrae incognitae* and suggests routes for us to follow, but also plays upon those things that we discover and out of them makes imaginative conceptions which we seek to share with others”³. Cabia aos geógrafos entender, em suas diferentes escalas, as terras *incógnitas*, desconhecidas da *cartografia cartesiana formal* (WRIGHT, 1947).

Por meio da preocupação com as geografias imaginativas produzidas pelo cotidiano dos sujeitos, é possível entender como os mundos vividos emergem como potencializadores da espacialização da ação humana. A proposição de Wright (1947) ecoou entre a abordagem Cultural da disciplina de modo a permitir que Cosgrove afirme, anos posteriormente, que *se deve* enfatizar “imaginação como elemento central no trabalho da geografia cultural” (COSGROVE, 2012, p. 107).

Recentemente, a questão imagética nesse campo do conhecimento demonstra força com estudos fílmicos e de clipes musicais, extrapolando a tradição em estudos culturais de festividades populares e do cotidiano (ALMEIDA, 2013). As novas tecnologias também possibilitaram uma nova abordagem para os estudos geográficos de forma a propositar outros horizontes (FREITAS, 2017).

Entender a Cultura Visual, é primordial para fundamentar as análises geográficas nesse campo do conhecimento. Monteiro

³ “A imaginação não apenas se projeta em *terrae incognitae* e sugere rotas para seguirmos, mas também joga com as coisas que nós descobrimos e faz delas concepções imaginativas que buscamos compartilhar com os outros.” (WRIGHT, 1947, p. 7, tradução livre).

(2008), por exemplo, aborda que o termo cultura visual, além de englobar diferentes maneiras de representação (artes visuais, cinema e televisão, entre outros), atinge também “áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual – as ciências, a justiça, a medicina, por exemplo. A cultura visual se ocupa da diversidade do universo de imagens.” (MONTEIRO, 2008, p. 131). Ao mesmo passo, sublinha-se que as visualidades sempre estiveram inerentes ao desenvolvimento das mesmas. Dessa forma, é importante destacar que, “cultural geography as a subdiscipline is very good at thinking about the cultural politics of images, and particularly images of places; exploring the implicit power relations of representations of places is its bread and butter”⁴ (ROSE, 2016, p. 1). As imagens na Geografia Cultural revelam cruciais como meio de mostrar as representações de lugares nas paisagens do cinema, vídeos, series, livros e música.

Para os dois últimos, a imaginação é primordial para a compreensão das imagens para além do campo visual restrito e, a mesma opera de forma a utilizar outros sentidos. As imagens compostas pelas músicas, literatura e outras formas de arte que não necessariamente se utilizam de *imagens*, se compõem a partir dos demais sentidos. Ao se ler *As Crônicas de Nárnia*, por exemplo, o imaginário se dispõe da memória olfativa pela qual e entende-se o inebriante cheiro do chá oferecido pelo Fauno. Dessa forma, compreende-se que o imaginário é composto de várias camadas que depende não apenas do *ver*, mas do *sentir* e do *criar*.

⁴ “Como subdisciplina, a geografia cultural é muito boa em pensar sobre as políticas culturais das imagens e particularmente sobre as imagens de lugares; explorar as relações de poder implícitas às representações dos lugares é seu ganha-pão” (ROSE, 2016, p. 1, tradução livre).

Outrossim, geograficamente, como pondera Cosgrove (1998A; 2012), é por meio da capacidade criativa de formulação de imagens que os sujeitos espacializam desejos, vontades e angústias. Destarte, compõe-se que explorar esse campo imagético possibilita entender as paisagens em sua diversidade e diferenças.

Conforme Moraes (2014, p. 33), a Geografia Cultural é “dedicada a análise e reflexão sobre a relação entre o espaço, o *imaginário* e as *representações*, o que envolve uma interlocução com várias disciplinas: desde a antropologia e a sociologia até a semiologia e a psicologia social”. Seus aspectos multidisciplinares corroboram para a análise de temáticas para além do espaço fechado e denso das geografias cartesianas.

Para tanto, o esforço dado pelos geógrafos culturais se respalda no princípio de que o conhecimento geográfico possui o desígnio de entender os signos entre os sujeitos e o espaço (DARDEL, 2011). Mesmo que tais concepções, na atualidade, estejam presentes nesse campo de estudo, persistem alguns campos de resistência entre áreas tradicionais da Geografia.

Além disso, é importante destaque que, conforme Tuan, (2004, p. 729), “Cultural Geography, in the last thirty years or so, has penetrated interior space and learned how to cope with personal relationships, thanks, in part, to humanist and feminist scholarship.”⁵. As geografias feministas, representadas principalmente por Linda McDowell e Doreen Massey – ambas influenciadas por Judith Butler –, compuseram importante caminho

⁵ “A Geografia Cultural, nos últimos 30 anos, penetrou o espaço interno e aprendeu como lidar com relações pessoais, graças, em parte, às escolas de pensamento humanista e feminista.” (TUAN, 2004, p. 729, tradução livre).

para pensar as visualidades hegemônicas como elementos de exclusão geográfica.

Um dos legados mais relevantes dessa abordagem foi o reconhecimento da prática pesquisa como processo de empoderamento dos próprios sujeitos (RODAWAY, 2006). Pela abordagem centrada nos sujeitos, as metodologias da Geografia Cultural permitem compreender o conhecimento enquanto produto de uma partilha, de uma troca constante em que *se deve* descolonizar os autoritarismos cartesianos (AZEVEDO, 2007).

A introdução das categorias de gênero, sexualidade e etnia na Geografia por meio da abordagem cultural (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001) reflete também sua abertura para interlocuções com outras disciplinas (MORAES, 2014). A preocupação contemporânea com os espaços internos e interpessoais colabora no sentido de construir compreensões das geograficidades do sensível. Tais temas também compõem elementos fundamentais da espacialidade humana e convergem em contraposições entre paisagens e visualidades (contra-)hegemônicas.

Essa mudança, que iniciou com a virada Cultural na Geografia na década de 1970 a nível mundial e em 1990 na geografia brasileira, possibilitou estudos mais profundos acerca de áreas que outrora não eram considerados nessa ciência, tal como aqueles acerca das representações e imagens (AMORIM FILHO, 2007). Os aportes conceituais que emergiram dessa relação possibilitaram modos de compreender as visualidades como formas espaciais.

Como discorre Almeida (2013, p. 49), esses desenvolvimentos recentes relevam que “penetrar o invisível, fazer visível o invisível, parecia ser uma habilidade reservada à poesia, à pintura, à escultura etc. A geografia, porém, está demonstrando

também ter este dom”. É importante pensar tanto na maneira como as visualidades são dotadas de elementos geográficos quanto como as visualidades podem colaborar na construção do conhecimento geográfico.

Para Gomes (2013), preocupada mais com o ponto de vista espacial, por vezes a geografia entende as visualidades apenas como imagens de forma concreta, como fotos e mapas. No entanto, é necessário ir para além. Isso implica, portanto, na capacidade de expressar a Geografia como ciência que esteja também aberta a compreender aquilo que se expande no contínuo campo das imagens. Enseja-se, então, decifrar como a categoria paisagem, aqui em destaque, pode ser um significativo caminho para essa transformação no contexto da virada visual (ou pictórica) nas ciências humanas.

Tramas entre visualidades e paisagens nas geografias criativas

O movimento da virada visual, no contexto das discussões que emergem desde 1988 (JAY, 2003), reunir diferentes campos das humanidades em discussões acerca da produção, sentido e nexos das imagens. Como pondera Jay (2003), um relevante corpo crítico se formou em torno do questionamento da natureza do relativismo cultural por meio das reflexões acerca da visualidade de componentes culturais.

A discussão implicou na necessidade de refletir acerca das maneiras pelas quais as imagens, como construções sociais, poderiam ser um elemento transcultural. Foi superada, entretanto, aos debates, a concepção de que as imagens poderiam ser “compreendidas como signos naturais ou analógicos com capacidade

universal de comunicar” (JAY, 2003, p. 16). Para Rancière (2015, p. 195):

O *pictural turn* é, então, menos um retorno imaginário do pensamento contemporâneo do que uma volta da máquina dialética, a transformar as imagens e a vida em linguagem codificada. Tal será, no fundo, a tese de Mitchell: a máquina que quer produzir a vida artificialmente produz de fato um novo tipo de imagens, que define uma nova potência da vida, de uma vida que não se deixa separar de suas imagens, que define uma nova potência da vida, de uma vida que não se deixa separar de suas imagens e de seus monstros, de suas doenças e de suas mitologias.

Em sua crítica a W. J. T. Mitchell (2006), assim como Jay (2003), Rancière (2015) destaca que é fundante compreender aquilo que as imagens *representam*. Ou seja, há a necessidade de decifrar os sentidos políticos, sociais e culturais que convergem no nexo das visualidades. Mais que uma *coisa-em-si* isolada, as imagens são também práticas discursivas.

No campo da Antropologia, Novaes escreve que “concebemos o mundo, o espaço, o tempo, a pessoa, a própria noção de imagem, através de valores que guiam o nosso olhar, nossa percepção e nossa representação, que não são, portanto, atividades universais ou naturais” (NOVAES, 2009, p. 19). As imagens são produzidas e interpretadas contextualmente. Cada qual em sua especificidade, as condições e realidades geográficas ou históricas encaminham o olhar e a maneira de representar.

Como Rancière (2015) evidencia, as imagens não são consciências em-si mesmas, mas constructos complexos derivados da lógica social em que estão imersas. Como elementos representacionais, as imagens fazem sentido em relação aos

contextos. Em contrapartida, ressalta-se, como Monteiro (2008, p. 133) que “no contexto da cultura visual, a imagem, além de representação, pode ser entendida como um artefato cultural”.

Essa virtualidade da imagem, portanto, permite compreender as práticas de significações culturais e seus modos de expressividade. Entende-se que pensar em cultura visual decorre na necessidade de englobar variadas formas de representação que possam vir a ser desde as artes tradicionais até as propagandas ou mapas técnicos (MONTEIRO, 2008). Por essa razão é um campo amplo e transdisciplinar que provocou repercussões em variadas áreas.

Na Geografia, a virada visual ocasionou em importante oportunidade de autorreflexão acerca do papel das visualidades para a disciplina. Como discorre Thornes (2004, p. 793), “the creation and interpretation of visual images has always been important to geography and is what makes geography unique”⁶. Ainda que com certas limitações (THORNES, 2004), a incorporação dos estudos em cultura visual proporcionou outras maneiras de *ler* imagens em dialogia com outras disciplinas.

No contexto dos anglo-saxões, como apontam Tolia-Kelly (2012) e Hawkins (2015), isso resultou em projetos e parcerias com artistas e pesquisadores da área de artes visuais. A primeira autora ressalta que “contemporary research collaborations between a visual culture and geography represent almost a new orthodoxy within the discipline”⁷ (TOLIA-KELLY, 2012, p. 135). Essa polinização cruzada

⁶ “A criação e interpretação das imagens visuais sempre foram importantes para a geografia e são o que fazem a geografia ser singular.” (THORNES, 2004, p. 793, tradução livre).

⁷ “Contemporaneamente, colaborações de pesquisas entre a cultura visual e a geografia quase representam uma nova ortodoxia dentro da disciplina.” (TOLIA-KELLY, 2012, p. 135, tradução livre).

tem sumarizado em práticas e provocações importantes para pensar as espacialidades do hodierno.

Nesse campo, a recente eclosão de geografias criativas (*creative geographies*) compõe-se pela junção das temáticas e metodologias geográficas com aquelas provenientes da cultura visual (TOLIA-KELLY, 2012; HAWKINS, 2015; ESHUN; MADGE, 2016). Pela introdução de práticas experimentais e centradas em técnicas que envolvem performance, construção de imagens e escrita criativa, essas geografias têm sido uma resposta à orientação da Geografia Cultural contemporânea para problemáticas relacionadas ao corpo e as práticas cotidianas. Hawkins explica que:

Creative Geographies, modes of experimental ‘art-full’ research that have creative practices at their heart, have become increasingly vibrant of late. These research strategies, which see geographers working as and in collaboration with artists, creative writers and a range of other arts practitioners, re-cast geography’s interdisciplinary relationship with arts and humanities scholarship and practices and its own intradisciplinary relations (HAWKINS, 2015, p. 262).⁸

Como movimento que dinamiza as pesquisas na Geografia, especialmente no contexto anglo-saxão, os estudos em cultura visual são caminhos férteis para rompimento de barreiras disciplinares. As parcerias estabelecidas entre ambas as áreas disponibilizam um

⁸ “Geografias Criativas, formas experimentais de pesquisa ‘arte-centradas’ que possuem práticas criativas em seu núcleo, têm se tornado cada vez mais vibrantes. Essas estratégias de pesquisa, que mostram geógrafos trabalhando com e como artistas, escritores criativos e uma amplitude de outros praticantes das artes, demonstra a interdisciplinaridade da relação entre geografia com as artes e acadêmicos e práticas das humanidades, assim como suas relações intradisciplinares.” (HAWKINS, 2015, p. 262, tradução livre).

olhar múltiplo que pode compreender as representações e fazer uso de suas lógicas para ir além da textualidade científica.

Para Tolia-Kelly (2012, p. 137), “the visual cultures of geographical research are often a move towards producing research markings that are meaningful as they operate against, beyond and more-than text”⁹. As práticas artísticas também são compreendidas como maneiras relevantes de transcendência ao academicismo cartesiano. Por meio delas, os geógrafos têm proposto intervenções e explorado outras formas de realização de pesquisas participativas (HAWKINS, 2015).

Tal elemento condiz com a proposta do *Manifesto Scapeltore* de Bauch (2015, p. 2) em que afirma: “geographers and other scholars need to adopt practices of artistic production—of fabrication—to further their own agenda of describing landscapes”¹⁰. Mais que interpretar elementos da cultura visual, cabe à Geografia retomar e atualizar práticas artísticas, como as descrições paisagísticas-poéticas de Humboldt ou La Blache (GOMES, 2010; CLAVAL, 2014), para agregar as contribuições recentes da virada pictórica.

Eshun e Madge (2016, p. 6) sugerem que “the creative (re)turn in geography has the potential to animate cultural geography, prising it open to a pluriversal perspective in which many worlds belong”¹¹. O reconhecimento da multiplicidade de mundos a

⁹ “as culturas visuais da pesquisa geográfica são comumente um movimento para produzir pesquisas que são significativas na medida que operam contra e para além do texto.” (TOLIA-KELLY, 2012, p.137, tradução livre).

¹⁰ “geógrafos e outros estudiosos precisam adotar praticar de produção artística – de fabricação – para endossar suas próprias agendas de descrever paisagens.” (BAUCH, 2015, p.2, tradução livre).

¹¹ “o (re)torno criativo em Geografia possui o potencial de animar a geografia cultural, movendo-a abertamente rumo a uma perspectiva pluriversal em que vários mundos pertencem.” (ESHUN E MADGE, 2016, p.6, tradução livre).

serem explorados pela perspectiva estabelece a possibilidade compreender as diferentes dimensões das espacialidades humanas.

Grupos e sujeitos sociais organizam e fazem sentido de seus mundos em espacialidades diferentes. Como Tuan (1995, p. 121) aponta, “the power of the human senses to organize the world takes diverse forms, shaped by the larger cultures in which they operate”¹². Em acordo com o que propõem Eshun e Madge (2016), conectar-se com outros mundos perpassa a imersão em outros modos de pensar que não estejam fechados no projeto ocidental de ciência.

A incorporação das práticas artísticas na Geografia, portanto, seria uma forma de decifrar os variados mundos e suas visualidades. Como provoca Bauch (2015, p. 11), “it is time to describe everyday landscape scenes with the same creative ferocity as is given to the production of art”¹³. Ampliar a capacidade explicativa e conceitual da paisagem para abarcar seu dinamismo por meio da intertextualidade, como aponta o autor, parece ser um caminho importante no ramo das geografias criativas.

Isso decorre do fato que a relação sujeito-paisagem transcende os aspectos materiais. Fenomenologicamente, Dardel (2011, p. 31) discorre que “a paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar”. Ela é um elemento fundamentalmente geográfico que desvela o âmago da geograficidade da existência.

¹² “O poder dos sentidos humanos em organizar o mundo toma diversas formas, moldado pelas maiores culturas em que operam.” (TUAN, 1995, p. 121, tradução livre).

¹³ “É o momento para descrever cenas de paisagem do dia-a-dia com a mesma criatividade feroz em que se dá à produção de arte.” (BAUCH, 2015, p. 11, tradução livre).

Dessa forma, a paisagem abarca a dinâmica do visível-invisível que comporta as representações espaciais. Na proposta de Bauch, nas geografias criativas, “seeing and describing landscapes is based in imagination, artful expression, and politics. The need to describe these invisible worlds is immense within the practice of cultural geography”¹⁴ (BAUCH, 2015, p. 12). Para o autor, descrever a paisagem é também imergir no mundo da imaginação e do não dito, da sensação, da percepção. Deverá emergir, desse olhar, uma perspectiva sensível que abarque outras formas de expressão.

Como categoria, a paisagem pressupõe a presença do sujeito, mesmo em sua ausência (DARDEL, 2011). É necessário que a consciência do ser projete-se rumo ao mundo para que a virtualidade imagética da paisagem faça sentido. É no seu âmbito relacional que ela abarca as diferentes percepções acerca dela evocadas. Técnicas, imaginações, construções ideológicas e símbolos perpassam as paisagens tocadas pela consciência dos seres que sobre elas pensam e vivem.

As paisagens, como distingue Cosgrove (1998B), possuem significados do passado, futuro e do presente e apresentam as mais diferentes cores, sabores e viveres de seus diferentes tempos. Elas são mosaicos que abrangem a historicidade de relações e representações que transcorrem os nexos da visualidade. Estão, portanto, envoltas nas práticas e contextos em que se inserem.

Para Mitchell (2008, p. 161), geograficamente, “the landscape is thus often understood in two interrelated ways: it is a relict rather than an ongoing construction; and it is organic, natural,

¹⁴ “Ver e descrever paisagens se baseia na imaginação, na expressão de arte e na política. A necessidade de descrever esses mundos invisíveis é fundamental para a prática da geografia cultural.” (BAUCH, 2015, p.12, tradução livre).

and aesthetic”¹⁵. Desta forma, a paisagem conecta-se a noção de que é uma imagem que se abre em transcendência ao olhar. Ela esboça uma visualidade que se amplia vertical e horizontalmente conforme desvelam-se seus ritmos e sobreposições.

Colaboram para essa concepção Ferraz e Nunes (2014, p. 171) ao discorrerem que “paisagem é a superfície, a mais profunda superfície, daí ser necessário ler a profundidade de sua superfície não só com os olhos, mas com o conjunto de sensações humanas, ampliando nossos referenciais de entendimento e percepção”. O movimento da paisagem faz com ela não se restrinja a apenas um dos sentidos, sendo construída a partir da multiplicidade inerente da percepção. As paisagens são palimpsestos onde plasman-se os mundos de visualidades dos sujeitos que ativamente as compõem.

Dessa forma, “landscape is not merely the world we see, it is a construction, a composition of that world. Landscape is a way of seeing the world”¹⁶ (COSGROVE, 1998A, p. 13). Sendo olho e lente, a paisagem, assim como as imagens, revelam superfícies e, ao mesmo tempo, o subterrâneo. Elas representam, também o interesse daqueles que as constroem. Para além, é por ela que se *sente* e se *vê*.

A considerar que “a diferença entre o olhar e ver consiste, portanto, no fato de que o olhar dirige o foco e os ângulos de visão, constrói um campo visual e ver significa conferir atenção, notar, perceber, individualizar coisas dentro desse grande campo visual construído pelo olhar.” (GOMES, 2013, p. 32). Entende-se que o que

¹⁵ “a paisagem é, dessa forma, muitas vezes compreendida em duas maneiras interrelacionadas; é relicário mais do que construção em andamento; e é orgânica, natural e estética.” (MITCHELL, 2008, p. 161, tradução livre).

¹⁶ “paisagem não é meramente o mundo que vemos, é uma construção, uma composição desse mundo. Paisagem é uma forma de se ver o mundo.” (COSGROVE, 1998A, p. 13, tradução livre).

a paisagem proporciona é uma complexidade de visões e que por meio dela é possível entender-se o mundo em que o outro vivencia.

Nesse sentido, como evidencia Cosgrove (1998A), as paisagens podem ser constructos ideológicos que conformam as ideias hegemônicas de determinado grupo social. Por meio da possibilidade de imposição de uma determinada ideologia, as paisagens podem ser transformadas para atender às demandas do discurso dominante. As contribuições advindas da cultura visual, portanto, parecem oportunas para ler os múltiplos interesses nelas sedimentados.

Se, qual indaga Jay (2003, p. 18) “talvez todas as nossas imagens na era do capitalismo global sejam mediadas de cabo a rabo pela forma da mercadoria”, cabe questionar como as paisagens estão inseridas nesses contextos. Como imagens e provenientes da realidade geográfica, também são representações das sociedades e culturas que as produzem.

Entre as lógicas econômicas que conformam as espacialidades, as homogeneizações revelam os fundamentos *abstrato-funcionais* que caracterizam os símbolos capitalistas que as transformam (RELPH, 1976). As paisagens têm sido reificadas em função da lógica do mercado que as coisifica, problematiza Sanguin (1981, p. 572) que:

paysages sont devenus des objets de consommation que on change comme on change de réfrigérateur de télévision ou de voiture. Il est évident que la massification des sociétés occidentales transport information culture tourisme commerce entraîne une réduction de la diversité et de la signification

des lieux cause un processus homogénéisation et de standardisation.¹⁷

Processos como turistificação ou espetacularização de determinados lugares permeiam a lógica de produção e paisagens. Centrados na funcionalização de espaços de modo a garantir ganhos financeiros, constroem visualidades pasteurizadas em que os sentidos e significados dos sujeitos que nelas vivem são subsumidos. Há, da parte de determinados grupos, enfretamentos à linearização dessas espacialidades. Grupos afetados por tais processos tendem a organizar redes e ativismos de resistência. Existem, portanto, sujeitos sociais que se engajam em reclamar seu direito de reagir, criar e transformar às paisagens em acordo com suas heterogenias.

Protestos, grafites e outras formas de manifestação revocam o poder de arquitetar paisagens. Se, como pondera Mirzoeff (2016, p. 749), “o direito a olhar é, então, a reivindicação por um direito ao real. É o limite da visualidade, o lugar onde tais códigos de separação encontram uma gramática da não-violência (significando uma recusa à segregação), como forma coletiva”, é ao reclamar o olhar, o direito à própria subjetividade que a paisagem pode também ser um conceito que abarque a revolta pela visualidade. Mais que um conceito puramente teórico, ela pode ser uma prática ativista rumo à conquista de uma sociedade mais justa.

As paisagens dependem dos sujeitos que as vivem e constroem. Desse modo, carregam pesos ideológicos de realidades distintas. “A paisagem não está só na forma superficial da coisa

¹⁷ “paisagens se tornaram objetos de consumo que mudam na medida em que se troca de geladeira, de televisão ou de carro. É evidente que a massificação das sociedades ocidentais no que concerne ao transporte de informação, cultura, turismo, comércio efetiva uma redução da diversidade e da significação de lugares, o que causa processos de homogeneização e estandardização.” (SANGUIN, 1981, p.572, tradução livre).

percebida, nem está apenas em nós, mas no momento do encontro físico-sensorial, intelectual e imagético” (FERRAZ; NUNES, 2014, p. 171), é nela que os diferentes projetos de emergência visual das representações espaciais entram em conflito.

Pelo princípio de que “landscapes always possess character that derives from the particular association of their physical and built characteristics with the meanings they have for those who are experiencing them”¹⁸ (RELPH, 1976, p. 122-123), estabelece-se que é também pelo direito a elas que se luta. Reivindicar a paisagem é reclamar a potencialidade ativa da representação. Os diferentes meios que se colocam pelas geografias criativas são, portanto, maneiras de clamar por uma reação à homogeneização, espetacularização e turistificação paisagística do mundo contemporâneo.

O retorno criativo proposto no contato com as artes pode vir a ser uma saída para o enfrentamento direto e indireto às imposições de transformações mercadológicas das paisagens. Retomar o direito a sensibilidade e a subjetividade que é constituinte da paisagem é, destarte, um dos caminhos para reaver o direito ao olhar e à produção de visualidades no cosmo do cotidiano.

Considerações finais

Desde sua concepção como ciência moderna, a Geografia foi uma ciência cuja produção de imagens ocupou papel significativo. Contudo, os debates e aportes conceituais que concernem a interpretação de visualidades tiveram limites teóricos que há pouco

¹⁸ “Paisagens sempre possuem características que derivam de uma associação particular de seus caracteres físicos e construídos com os significados que elas têm para aqueles que as experienciam.” (RELPH, 1976, p. 122-123, tradução livre).

foram ser retomados. Por essa razão, permanece certo estatuto ilustrativo quanto ao uso de imagens em alguns de seus sub-campos disciplinares.

A Geografia Cultural suscita importantes debates acerca da interpretação das representações e imaginários espaciais, de forma a conduzir um significativo aporte para dinamizar reflexões acerca dessa temática. No recente (re)torno criativo da geografia, os pontos de contato com a virada visual parecem delinear tramas para adensar os conceitos que visem decifrar as imagens.

Por meio da categoria de paisagem, há um *locus* fértil a ser explorado. Novos modos de descrição, interpretação e intervenção podem ser pensados conjuntamente para criar formas espaciais de resistência. Fazer emergirem as subjetividades e mundos de vidas dos sujeitos que constituem as paisagens do cotidiano é resistir à coisificação e homogeneização espacial imposta pela reprodução ampliada do capital.

Uma Geografia que clame pelo sensível nos tempos em que a ciência é vista progressivamente como algo utilitário é, logo, um ato revolucionário. Tomar como centro a possibilidade de compreender as espacialidades produzidas e imaginadas pelos sujeitos compõe um importante caminho para um conhecimento *crítico*. Mais que interpretar as visualidades, é fundamental que o geógrafo esteja disposto a produzir imagens que transcendam os contextos hegemônicos.

Ao clamar pela potencialidade da introdução de práticas criativas, visa-se também aproximar o conhecimento científico do cosmo social da vida cotidiana. Em transcendência ao academicismo, as artes podem contribuir para uma Geografia mais ativa e presente

na vida dos sujeitos. Afinal, buscar o direito a transformar o mundo também envolve o direito a se representar, imaginar e sentir.

Referências bibliográficas

ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. Place in Context: Rethinking humanist geographies. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Orgs.) *Textures of place: exploring humanist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. xiii-xxxiii.

ALMEIDA, M. G. A propósito do Trato do Invisível, do Intangível e do discurso na Geografia Cultural. *Revista da ANPEGE*, v. 9, n. 11, p. 41-50, 2013.

AMORIM FILHO, O. B. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: KOZEL, S. et. al. (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: Terceira Margem, 2007, p.1-22.

AZEVEDO, A. F. Geografias pós-coloniais: contestação e renegociação dos mundos culturais num presente pós-colonial. In: PIMENTA, J. R.; SARMENTO, J.; AZEVEDO, A. F. (Orgs.) *Geografias pós-coloniais: Ensaios de geografia cultural*. Figueirinhas: Lisboa, 2007, p.31-69.

BAUCH, N. A Scapelore manifesto: Creative geographical practice in a Mythless Age. *GeoHumanities*, v.1, n.1, 2015, p.1-21.

CLAVAL, P. *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

COSGROVE, D. *Social formation and symbolic landscape*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1998A.

COSGROVE, D. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da teoria. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, n.5, 1998B. p.1-27.

COSGROVE, D. *Geography and Vision: seeing, imagining and representing the world*. I.B. Tauris: Londres/Nova Iorque, 2008.

COSGROVE, D. Mundos de significados: geografia cultural e imaginação. IN: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL. Z. *Geografia*

Cultural: Uma Antologia (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 105-118.

DARDEL, E. *O Homem e a Terra*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ELKINS, J. História da arte e imagens que não são arte. *Revista Porto Arte*, v. 18, n. 30, p. 7-42, 2011.

ESHUN, G.; MADGE, C. Poetic world-writing in a pluriversal world: a provocation to the creative (re)turn in geography. *Social & Cultural Geography*, v. 7, n. 3, p. 1-9, 2016.

FERRAZ, C. B. O; NUNES, F. G. O horizonte não é linear: paisagem e espaço na Perspectiva Audiovisual Linear de Anton Corbijn. *Ateliê Geográfico*, v. 8, n. 1, p. 166-180, 2014.

FREITAS, J. S. *Memórias e Identidades no/do Lugar: O rádio na Comunidade Patos-Temeroso no Município de Gurinhatã-MG*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

GOMES, P. C. C. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOMES, P. C. C. *O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

HAWKINS, H. Creative geographic methods: knowing, representing, intervening: on composing place and page. *Cultural Geographies*, v. 22, n. 2, p. 247-268, 2015.

JAY, M. Relativismo cultural e a virada visual. *Aletria revista de estudos de Literatura*, v. 10/11, 2003.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016.

MITCHELL, D. California: The Beautiful and the Damned. In.: OAKES, T. S; PRICE, P. L. *The Cultural Geography Reader*. New York: Routledge, 2008. p. 159-164.

MITCHELL, W. J. T. Mostrar o ver: uma crítica a cultura visual. *Interin*, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2006.

MONTEIRO, R. H. Cultura visual: definições, escopo, debates. *Domínios da imagem*, ano I, n. 2, p. 129-134, 2008.

MORAES, A. C. R. *Geografia, interdisciplinaridade e metodologia*. GEOUSP, USP, v. 18, n. 1, p. 9-39, 2014.

NOVAES, S. C. Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e imagem. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 13, v. 20(1+2): 9-26, 2009.

RANCIÈRE, J. As imagens querem realmente viver? In.: ALLOA, E. (Org.) *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 191-201.

RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion Limited, 1976.

RODAWAY, P. Humanism and people-centered methods. AITKEN, S.; VALENTINE, G. (Orgs.) *Approaches to Human Geography*. London: SAGE Publications, 2006, p. 263-272.

ROSE, G. Cultural Geography going viral. *Social & Cultural Geography*, v. 17, n. 6, p. 1-5, 2016.

SANGUIN, A. La géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces. *Annales de Géographie*. t. 90, n. 501, 1981. p. 560-587.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: Perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. *GEOUSP - Espaço e Tempo*, n. 33, v. 1, p. 168-185, 2013.

TOLIA-KELLY, D. P. The geographies of cultural geography II: Visual Culture. *Progress in Human Geography*, v. 36, n. 1, p. 135-142, 2012.

TUAN, Y. *Passing strange and wonderful: aesthetics, nature and culture*. New York: Island Press, 1995.

TUAN, Y. Cultural Geography: Glances Backward and Forward. *Annals of the Association of American Geographers*. v. 94, n. 4, 2004. p. 729-733.

WRIGHT, J. K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, p. 01-15, 1947.

Submetido em: 10 de maio de 2020.

Devolvido para revisão em: 19 de agosto de 2020.

Aprovado em: 26 de setembro de 2020.

Como citar este artigo:

FREITAS, Jéssica Soares de; SOUZA JÚNIOR, Carlos Roberto Bernardes de. Tramas e perspectivas dos estudos visuais na geografia cultural: paisagens, sensibilidades e olhares. **Terra Livre**, v. 1, n. 54, p. 116-140, jan.-jun./2020.